

Ciberdemocratização

As inequidades reais resultantes do Mundo virtual da Internet

Philippe Perrenoud(*)

LIDO POR JOSÉ NETO

As NTIC? Poderá inconscientemente esta sigla triunfante designar as “Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação”? Serão elas também, os **Novos Tipos de Inequidades Culturais?**

O Mundo muda, os recursos materiais e intelectuais com os quais precisamos de viver, agir, captar para a realização dos nossos projectos renovam-se, ao sabor das mudanças tecnológicas. Muda também, agora, **o padrão das inequidades culturais que condicionam o acesso aos recursos. No campo da comunicação, a emergência da escrita, depois da invenção da imprensa, actualizou a nossa perspectiva do Mundo;** mais tarde, o telefone, a radio, o cinema, depois a televisão e o vídeo fizeram-no à sua medida. Hoje, o multimédia, as redes mundiais, a realidade virtual, e mais banalmente **o conjunto das ferramentas informáticas e telemáticas parecem transformar a nossa paisagem, as relações sociais e os modos de trabalhar, de se informar, de se formar, de se distrair, de consumir, e mais basicamente ainda de se expressar, de escrever, de entrar em contacto, de consultar, de decidir, e pouco a pouco, talvez o modo de pensar.** Pierre Lévy (1997) não teme associar estas mutações a uma incipiente cibercultura que já se instalou.

A Escola não pode ser pensada afastada destas transformações. Não faltam os espíritos não totalmente desinteressados, para a incitar a juntar-se à “revolução numérica”. **O meu propósito não é combater esta mensagem, mas somente a parte do mito libertador e igualitário frequentemente veiculado: a alienação e as desigualdades intelectuais e culturais manifestam-se diferentemente utilizando as novas tecnologias que utilizando o livro, mas elas não desaparecem como por magia, e podem mesmo agravar-se temporariamente, ou mesmo duradouramente se não forem tomadas em consideração.**

1. A Escola face às NTIC

* Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Geneve, 1998.

2. A desigualdade frente às ferramentas
3. A desigualdade frente à abstracção
4. Cidadania e redes

4.1. A ESCOLA FACE ÀS NTIC

É necessário colocar as Escolas em rede, fazer entrar a Internet no universo dos professores e dos alunos? Com certeza, assim como o vídeo ou o telefone. Absolutamente simples para o utilizador estas ferramentas permitem hoje, tanto aos professores quanto aos alunos, apropriar-se delas amanhã ou talvez depois de amanhã, dum modo do qual ainda não temos a menor ideia, face ao ritmo a que as coisas vão.

QUE A ESCOLA UTILIZE AS TECNOLOGIAS, ESTÁ MUITO BEM. O ÚNICO LIMITE REFERE-SE AOS RECURSOS: **ELAS CUSTAM DINHEIRO E SOBRETUDO TOMAM TEMPO PARA INSTALAR OS EQUIPAMENTOS, DEPOIS PARA SE FORMAREM OS PROFESSORES, E PARA MUDAR AS ATITUDES.** OS TEMPOS LARGAMENTE DEDICADOS A RESOLVER PROBLEMAS TÉCNICOS SEM INTERESSE (MODEMS, INCOMPATIBILIDADES), PARECEM ARCAICOS PASSADOS MENOS DE CINCO ANOS. **UM TEMPO MENOS ESTÉRIL DEDICADO A APRENDER, PORQUE MESMO O SOFTWARE EXIGE O SEU CONTROLO, É HOJE INDISPENSÁVEL PARA ACOMPANHAR A SUA EVOLUÇÃO.** UM TEMPO, FINALMENTE, **SEM LIMITES, É NECESSÁRIO PARA EXPLORAR O CIBERESPAÇO.** OS RECURSOS OFERECIDOS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS ENTRAM EM COMPETIÇÃO COM OUTRAS PRIORIDADES E PODEMOS PROCURAR UM EQUILÍBRIO JUSTO.

O desenvolvimento da Internet coloca problemas políticos, económicos, jurídicos e éticos inéditos: **sobrecarga das redes**, inequidades de acesso; **controlar os custos reais e a sua repartição**; ausência de controlo da validade da informação; **impotência da justiça face a novas formas de propaganda racistas, anti-semitas, neonazis ou face à pornografia**; **incoerência das legislações nacionais face à mundialização da rede**; **novas formas de vigarice e falsificação**; **risco de alcançar sem precedentes a vida privada**; **correntes publicitárias e comerciais de todos os géneros.** Estes problemas são reais e podem levar as Escolas a entrar no cibernumundo, porque as garantias necessárias para as crianças não se encontram hoje reunidas. Contudo, podemos pensar que ficarão.

O verdadeiro problema, contudo, parece-me pedagógico. É devido ao facto que **uma utilização fácil, inteligente e autónoma da Internet e das redes irá substituir supostas competências muito desigualmente presentes** na convergência destes media e do seu desenvolvimento bastante desigual. A questão poderá ser colocada aos professores. Preocupam-se com as universidades, frequentemente mais avançadas que as Escolas. A decisão de não difundir um certo conjunto de informações (programas e administração dos estudos, relatórios e agendas de encontros, documentos de trabalho, datas e resultados dos exames) pela via tradicional criou um momentâneo *handicap* para todos aqueles que não estão ligados. **Os novos circuitos de comunicação alteraram em parte as redes de**

influência, a formação da opinião e das decisões, a repartição das informações vitais para o quotidiano das instituições. **Modificou-se, por tempos, a relação de forças com vantagem dos pioneiros em detrimento dos utilizadores tardios**. Sabemos bem o tempo que (não) demorou, até que a generalidade dos intelectuais se apropriasse das novas ferramentas e as utilizasse no seu próprio interesse. **Podemos imaginar que os professores primários e secundários seguirão o mesmo caminho**, como profissionais qualificados.

Mas falemos um pouco mais aqui dos alunos. Inicialmente, **quem poderia imaginar que eles iriam ficar com avanço, sobre os seus professores** que se adaptam e utilizam a Internet, para o trabalho administrativo e documental, mas também para preparar, enriquecer, ver renovado o seu ensino, enquanto esperam pelo dia em que a Internet envolverá mais directamente os alunos. É provável que este cenário aparentemente lógico seja desmentido pela realidade, na medida em que **as crianças e os adolescentes entram mais rapidamente que a maior parte dos adultos no Mundo dos jogos de vídeo e do software**. Quando - o que está iminente - um simples televisor permitir o acesso à Internet, serão as crianças quem primeiramente ficará capaz de encontrar e explorar os sites propondo os desenhos animados, a música ou as páginas *web* que respondam às suas preocupações. Se diversas empresas desenvolvem *software* permitindo interditar as crianças de aceder, a partir de casa ou da Escola, a *sites* pornográficos, violentos, racistas ou “fracos”, é porque nós sabemos que eles lá chegarão mais rapidamente que os adultos, uma vez dentro desse Mundo...

4.2. A DESIGUALDADE FRENTE ÀS FERRAMENTAS

Quando o professor diz “**Hoje, vamos falar de cereais transgénicos** e vocês poderão perguntar-me porque é que as pessoas as pessoas têm medo deles. Eu não sei muito bem. Procurei informação ontem à tarde e **encontrei isto**”, os alunos podem estar um pouco preocupados se a pesquisa do professor foi à biblioteca ou se telefonou a um amigo biólogo, mas no não caso da Internet. **A Internet permanece abstracta para os alunos que não possam, nas suas famílias, ter ocasião para formar a sua própria ideia**. Quando os alunos tenham acesso a um computador, na Escola ou na vizinhança, e o professor lhes disser “**Vejam se encontram alguma coisa na Internet**”, a situação é completamente diferente. **Se um só aluno** faz o trabalho pela turma, cada um poderá adivinhar qual será o prestável. Alguém poderá hesitar entre **o maluco da informática** que passa frente ao seu micro, dentro do seu quarto ou num centro de tempos livres, mais horas que na Escola, ou o bom aluno, cujos pais se servem banalmente da rede para o seu trabalho ou no seu lazer, os quais sabem que Google não é o título de um *western* mexicano e que surfam pela *web*...

Quem pode libertar-se desta desigualdade preliminar dando a cada aluno oportunidade para se familiarizar com o computador - se este não é já de facto utilizado noutras ocasiões - e aceder aos diversos serviços da

rede: correio electrónico, acesso a *sítes* de páginas na www, transferência de ficheiros (textos e suas imagens), participação em grupos de discussão, seguir as emissões de rádio ou de vídeo, utilizar os serviços telefónicos ou de videoconferência online, consultar as bases de dados (horários, cotações das bolsas, espectáculos, etc.) comércio electrónico (catálogos, compras, pagamento electrónico), registos e obtenção de licenças.

Quem pode também envolver-se com uma certa destreza na percepção e na condução das operações, desenvolvendo uma boa coordenação entre o mais entusiasmante e o principal, sem se desencorajar. **Esta destreza adquire-se mais ou menos rapidamente, consoante as pessoas, mas todos podem chegar a um nível de agilidade compatível com uma utilização fluída destas ferramentas.**

Para utilizar a Internet, é necessário algo mais além de conhecer um número não negligenciável de conceitos, de procedimentos (para ligar-se) e de aplicações. Não é preciso saber “como se vai”, mais que por telefone, excepto talvez se não tivermos nenhum técnico com quem falar no começo, ou em caso de aborrecimento. A aprendizagem não é verdadeiramente informática, com o desagradável sentido associado à palavra pelos primeiros utilizadores: os tempos não são mais de siglas e combinações de toques bárbaros, o texto e as imagens parecem como num monitor de televisão, **as intervenções do utilizador fazem-se através de ferramentas cada vez mais intuitivas**, graças ao rato ou aos monitores tácteis, brevemente através da voz ou do olhar. Não importa que possa aprender como seleccionar um menu, usando um atalho para abrir uma janela. As crianças e os adolescentes aparecerão, nestas tarefas, **menos bloqueadas que os adultos**, têm menos medo de que tudo se destrua, eles experimentarão, procurarão, aprenderão por tentativas e erros e eles não se contentarão com o mínimo, eles explorarão possibilidades de que nem precisam.

A Escola, se fizer o que está ao seu alcance, **pode lutar sem excessiva aflição contra uma forma primitiva de exclusão e de desigualdade, se der a todos os meios de um acesso fácil e familiar às máquinas e aos softwares.** O problema não está na aprendizagem dos procedimentos. Estas aprendizagens representam certos défices muito desiguais, de acordo com o nível de qualificação, mas também em relação às tecnologias. **Teremos aqueles que se divertirão com aquilo de que gostam, assim como os que se aborrecerão ou temerão.** Os primeiros adoptam uma atitude activa e perdem poucas ocasiões para alargar o conjunto das suas ferramentas e processos de trabalho, os outros sem possuírem os requisitos mínimos, não poderão proceder de outro modo. É por isso que, em certas empresas, alguém proibiu ou tornou materialmente impossível o recurso aos métodos antigos. Uma parte dos alunos, mesmo sendo jovens, podem ter as mesmas resistências, quando em frente de diversos tipos de autómatos ou de máquinas.

Uma vez atingida esta etapa, chegará **o que faz verdadeiramente a diferença: a capacidade de se mover no cibernundo entendendo as regras do jogo e traçando o seu próprio caminho.** O controlo dos procedimentos não garante a inteligibilidade das informações e da sua organização, nem mais segurança no julgamento da sua qualidade e pertinência.

4.3. A DESIGUALDADE FRENTE À ABSTRACÇÃO

A utilização das redes faz apelo aos recursos intelectuais clássicos, àqueles que “fazem a diferença” em numerosas tarefas escolares:

- **A lógica natural, a capacidade de meter em relação, de deduzir**, de inferir, de compreender as etapas de um processo, de representar o Mundo e as suas mediações, estabilizar os métodos e adaptá-los caso a caso, inovar e procurar ajuda cautelosamente, etc.;
- **O conhecimento da escrita e um mínimo de leitura:** apesar da presença da imagem e de todos os tipos de gráficos ajudando a localizar-se no monitor, é necessário ler rápida e constantemente para navegar na rede e de um modo geral utilizar a informática, porque as informações tomam frequentemente a forma de textos. Hoje, podemos certamente pedir ao computador para ler em voz alta um texto digitalizado, mas demorará muito mais tempo, não permitindo a pesquisa selectiva, o copiar-colar, a pesquisa rápida; **a curto prazo, a leitura não encontrará um verdadeiro substituto no audiovisual;** Bentotila (1996) mostra que **a iletracia condena a muitas exclusões, entre as quais a informática, a qual dá acesso às informações, aos empregos, às capacidades, à comunicação;**
- **A capacidade de decodificar as informações audiovisuais**, é fortemente solicitada pela multiplicação das mensagens multimédia.

Uma prática regular de informática e de redes pode contribuir para reforçar estas três competências, mas não pode criá-las, nem fazê-las mudar de um modo impressionante. Do mesmo modo que elas são constituídas, elas funcionam como os activos principais ou os *handicaps* maiores em relação à informática e à telemática.

Um professor experiente em informática, com todos os seus alunos acedendo sem dificuldades técnicas à rede, observa, face aos recursos do cibernundo, desigualdades tão fortes como aquelas que constata frente às tarefas escolares mais tradicionais.

Poderão elas desenhar qualquer outra hierarquia? É pouco provável. Sem dúvida, a dimensão tecnológica pode atrair certos alunos desencorajados frente a um jornal ou a um livro e, inversamente, desencorajar certos alunos com facilidade no trabalho de papel e lápis. Exceptuando estas *nuances*, **a Internet colocará em evidência as mesmas desigualdades** que uma experiência científica para concluir, um texto a resumir ou comentar, uma argumentação a construir, uma pesquisa para um projecto a conduzir. Para encontrar uma informação sobre a soja transgénica, **na biblioteca como na Internet, é necessário ter uma ideia da engenharia genética, saber onde procurar, depois compreender, seleccionar e condensar as informações encontradas.**

A tecnologia não faz desaparecer as desigualdades frente às tarefas intelectuais. Algumas vezes, ela **reforça-a**, na razão da relativa abstracção das informações numéricas. Pode também reduzi-la, por exemplo quando as páginas Web fornecem ajudas online ou guiam o utilizador de um modo interactivo. Uma vez vencido o obstáculo propriamente tecnológico, a informática (local assim como em rede) pode dialogar com o utilizador de um modo mais paciente e menos humilhante para a condição humana. Pode

consultar o modo de emprego cinquenta vezes, voltar atrás, testar sem parecer ridículo. Todos os domínios constituíram listas com as perguntas mais requentes (FAQ, *Frequently Asked Questions*), aquelas para as quais o utilizador encontra uma resposta sem ter que perturbar uma pessoa pouco disponível, e sem viver a frustração de que não percebeu um quarto da explicação, demasiado rápida e completa para lhe ser útil. As aplicações informáticas dirigem-se a milhões de pessoas, entre as quais nem todas têm um monitor humano para as ajudar. Os **softwares** devem então ser **autodescritivos** e **autoexplicativos**, e sobretudo tão **intuitivos** quanto possível. **A exploração do cibernundo é, considerando todos os aspectos, melhor assistida que a exploração de uma biblioteca clássica.** Mas suas ajudas são à medida da riqueza, da diversidade, do desigual valor, da renovação constante da informação? Navegar em hipertexto é uma operação aparentemente simples, mas que exige conhecimento - dos procedimentos - requerendo uma representação dos níveis e das redes de saberes e de informação que revelam um nível muito elevado de abstracção e de complexidade.

Eu não defendo que a Escola se desvie das novas ferramentas e dos modelos culturais que as acompanham. De facto **estas novas tecnologias, mudam tudo:** a comunicação humana, o lazer, o trabalho, a memória colectiva, os modelos de mercado e das transacções, o exercício do poder. **É desastroso que as pessoas da Escola reflectam ainda vinte anos depois** (SIBS-MultiBanco, fundada em 1983) **sobre os perigos do progresso e que as Escolas se tenham tornado ambientes de trabalho menos informatizados que a sociedade, menos equipadas que a maior parte das famílias.** Estas tecnologias são incontornáveis e representam, apesar dos seus efeitos perversos, **um progresso importante, onde o papel da Escola é evidentemente tentar oferecer as suas chaves.** O importante é não se afundar, uma vez mais, em pensamentos mágicos, de visões obstinadas de igualdade das aquisições básicas através de uma pedagogia activa e diferenciada. As tecnologias podem contribuir para isso se forem conhecidas e pensadas nessa direcção. **Poderemos não resolver o problema da desigualdade, mas ao menos faze-lo reduzir-se. Sem as colocar em causa, elas tornarão as desigualdades intelectuais ainda mais visíveis e agravarão as suas consequências.**

A história deste século ensinou-nos que **as revoluções tecnológicas suscitam sempre esperanças ingénuas no campo da educação.** Este optimismo, contudo, desarma, por algum tempo, a luta contra os mecanismos básicos de fabricação do insucesso escolar. Cinco ou dez anos mais tarde, descobrimos que a desigualdade frente à Escola esteve lá sempre, ainda que na sua aparência tenha mudado um pouco. Talvez alguém compreenda finalmente que **o que importa não são os conteúdos ou os meios de ensino, mas sim a produção escolar diferenciada.** A problemática da indiferença às diferenças é também agora energeticamente discutida na World Wide Web como primeira aprendizagem da leitura. **Os computadores propõem possibilidades de diferenciação mais ricas que as oferecidas pelos livros de leitura.** Ainda é necessário saber-se se servem, para desenvolver competências, suscitar projectos, criar situações problemáticas, avaliar de um modo formativo, regular em função de objectivos claros e

realistas, desenvolver os dispositivos, uma organização do trabalho, as formas de cooperação e uma cultura propícias à diferenciação.

4.4. CIDADANIA E REDES

Além da utilização “fácil, inteligente e autónoma” da informática e das redes, **confirma-se o maior empenhamento das democracias no controlo das tecnologias.** No Mundo telemático, a realidade apresenta-se com contornos concretos, das visões lúdicas que evocam os jogos electrónicos. Contudo, nada é mais abstracto e difícil de compreender que os mecanismos de decisão do trabalho no desenvolvimento das redes e suas incidências sobre a cultura e o exercício do poder. **Hoje, já as mudanças irreversíveis se realizaram, sem que ninguém as tenha verdadeiramente antecipado, muito menos discutido e decidido a tempo.** A rede das redes realiza, em certas conexões, uma forma de democracia planetária e directa. Ela é ao mesmo tempo a expressão de uma sociedade dual, na qual uma minoria de decisores e de *experts* desenham a avenida para a grande multidão. Lévy (1997) evoca a “classe virtual” dos que organizam o desenvolvimento das indústrias de comunicação e fixam as regras do jogo, discutindo a tese do plano, mas reconhecendo a redistribuição das cartas e uma reconfiguração das relações de força.

A desigualdade frente à política de desenvolvimento das comunicações é, a médio prazo, mais inquietante para a democracia que a desigualdade de acesso à rede. Contudo, a Escola é um dos raros lugares que pode dar a todos os instrumentos de compreensão e de controlo que fazem falta. Alguns não cessam hoje de invocar a educação para a cidadania como uma das suas tarefas prioritárias. Eles terão tempo para a realizar, de salto em salto, ou votaremos com o rato. **A Internet transformará as discussões políticas ainda mais do que a televisão.** Mas não no essencial: as indústrias de *software* e das telecomunicações exercem já, sobre a avenida do Mundo, mais poder que os Estados. A Escola é sociável? Para falar com conhecimento de causa, será necessário obviamente que ela não se preocupe com o desenho das novas tecnologias. Mas é seu papel ir lado a lado deste “nivelamento”. Ela só pode explicar e fazer as ferramentas intelectuais para compreender e exercer um controlo democrático. Estas ferramentas são as competências, os conhecimentos, a identidade a que cada um tem direito. A Internet e outros desenvolvimentos tecnológicos confirmam que a desigualdade face à Escola permanece como um problema maior no século XXI. **A modernidade agrava os perigos, excepto se não nos resignarmos a uma sociedade dual,** não somente em termos do emprego e do rendimento, mas também de cultura e de poder.

A exclusão que denunciámos hoje, assim, mostra-nos todos os dias uma face visível – a desigualdade de acesso aos bens, aos serviços, às informações – e uma face escondida, na desigualdade de compreensão das instituições, das leis, dos mercados, das forças e das estratégias que governam o Mundo. Para lutar contra a primeira exclusão, é necessário ir bem além da iniciação. Para combater a segunda **é necessário muito simplesmente que a Escola faça o seu trabalho principal:** dar a todos os meios do pensamento livre, para oferecer uma alternativa à guerra civil aberta ou latente (Meirieu et

Guiraud, 1997). A Internet acentua esta exigência, assim como tudo o que complexifica o Mundo. Ela será bem angélica se acreditarmos que a simples intrusão das redes na Escola é um progresso. **Quando vos disserem NTIC, pensem NTIC: Novos Tipos de Inequidades Culturais!**

Referências

Bentolila, A. (1996) *De l'illettrisme en général en de l'école en particulier*, Paris, Plon.

Lévy, P. (1997) *Cyberculture*, Paris, Odile Jacob.

Meirieu, Ph. et Guiraud, M. (1997) *L'école ou la guerre civile*, Paris, Plon.

Perrenoud, Ph. (1996) *La pédagogie à l'école des différences. Fragments d'une sociologie de l'échec*, Paris, ESF, 2ème édition.

Perrenoud, Ph. (1997) *Construire des compétences dès l'école*, Paris, ESF.

Perrenoud, Ph. (1997) *Pédagogie différenciée : des intentions à l'action*, Paris, ESF.

Fonte original:

http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1998/1998_04.html

© Philippe Perrenoud, Université de Genève

Aucune reprise de ce document sur un site WEB ou dans une publication imprimée ne peut se faire sans l'accord écrit de l'auteur et d'un éventuel éditeur. Toute reprise doit mentionner la source originale et conserver l'intégralité du texte, notamment les références bibliographiques.